

São Paulo, 10 de outubro de 2008.

Prezado Investidor,

Temos alertado desde o mês de julho a respeito dos riscos de a crise de crédito nos Estados Unidos ser *trigger* para uma crise econômica global de grandes proporções. A alta volatilidade dos mercados, a baixa visibilidade e o balanço de riscos nos sugeriam rever a utilização do orçamento de risco dos fundos e reconstruir as carteiras.

Como consequência, com objetivo de proteger nossos investidores, tomamos algumas decisões importantes:

- privilegiar a preservação de capital;
- trazer nossos cenários macro e de investimentos para o curto-prazo, trabalhando com *stops* curtos e reduzindo drasticamente a exposição bruta dos fundos. Desde então temos mantido altos níveis de caixa em títulos públicos federais, sem quaisquer riscos de crédito;
- no começo de julho, zeramos todas as posições de nossos fundos multimercado. Foi uma decisão difícil porque custou aos fundos das estratégias Macro e Long Short rendimentos negativos em julho. No entanto, estávamos convictos que esta era a melhor medida para proteger nossos investidores e permitir aos fundos operar apenas em ativos de altíssima liquidez, com baixa utilização do orçamento de risco e evitando riscos de base, uma vez que manter posições estruturais em um determinado mercado com *hedging* em outros ativos tende a ser bastante arriscado em períodos de crise;
- nos fundos *long short* reduzimos a exposição bruta para níveis mínimos (próximos a 20% dos fundos) e fizemos alocações defensivas, privilegiando empresas geradoras de caixa e com baixos múltiplos e ficamos vendidos em empresas endividadas e/ou com múltiplos altos.

Entendemos que tomamos a decisão correta e nossa estratégia vem se mostrando bastante eficiente. Embora trabalhe com baixa utilização de nossos orçamentos de risco, nossos fundos multimercado das estratégias Macro, Trade e Long Short tem superado o CDI consistentemente desde então e proporcionado sólida performance no 2º semestre de 2008. O Quest Ações FIA, da mesma forma, vem apresentando perdas bastante inferiores às do Ibovespa. O Quest Iporanga FIM tem, inclusive, se destacado dos demais fundos em toda a indústria ao apresentar um retorno de 125% do CDI no ano, sem sequer um único mês de quota negativa.

Apesar do sentimento de dever cumprido por termos entendido a gravidade do momento e preservado nossos investidores da enorme destruição de riqueza que se deu nos últimos meses, sabemos estar presenciando a maior crise financeira desde a 2ª metade do século XX. Estamos cientes do desafio que se impõe e não baixaremos a guarda em momento algum. Continuaremos mantendo a mesma postura de gestão até que tenhamos claras indicações de que a crise esteja resolvida.

Com o objetivo de dar absoluta transparência de nossa gestão e tranquilidade aos nossos investidores, prosseguiremos enviando e-mails semanais com nossas posições.

Atenciosamente,



Walter Maciel Neto  
Quest Investimentos Ltda.

## Relatório Mensal – Setembro de 2008

### 1. Cenário Macroeconômico

A desalavancagem financeira continuou dominando os mercados globais ao longo de setembro. A evolução da crise para um estágio mais agudo acentuou o movimento de volta para o dólar e fuga de mercados emergentes, deslocando o mercado na direção do cenário de recessão. Apesar de termos alertado para o risco de recessão, nosso cenário base até o início de setembro (com 65% de probabilidade) era de crescimento global abaixo da média de longo prazo, mas sem recessão. Este cenário era de cautela, pois a desaceleração da economia mundial estava contratada (a indústria global já vinha desacelerando rapidamente desde junho) e havia risco sério da crise piorar.

Nosso método de trabalho consiste em definir um cenário base e dois alternativos ao redor do cenário base. Em seguida, identificamos as alocações (e proteções) em cada cenário e pontos de referência (que podem ser econômicos ou financeiros) a partir dos quais podemos nos deslocar entre os cenários. O processo de revisão de cenários é contínuo e desta forma acreditamos sempre ter um roteiro sistemático para nortear as alocações do fundo, especialmente quando há transição entre os cenários.

A piora da crise financeira tornou inevitável o deslocamento do cenário base. Passamos a esperar (com probabilidade de 50%) uma recessão global moderada nos próximos 6 meses, com queda de até 1% no PIB do mundo desenvolvido e uma desaceleração um pouco maior que anteriormente prevista para o mundo emergente, inclusive o Brasil. Acreditamos que as cada vez mais numerosas iniciativas das autoridades serão suficientes ao longo do tempo para destravar o crédito interbancário e atingir o objetivo final de capitalizar o sistema financeiro. Mas a saída da crise financeira levará tempo e o dano na economia mundial já está feito. Não devemos esperar nenhuma “bala de prata” que resolva a crise e instantaneamente recoloca a economia na rota do crescimento. Mas devemos esperar um lento processo de cura (especialmente a partir da esperada capitalização dos bancos pelos governos e da esperada garantia temporária por parte de governos de depósitos interbancários), em um ambiente de crescimento fraco nos próximos meses. Alguma melhora no ambiente global é possível, conforme a enorme intervenção das autoridades gradualmente reduza o stress financeiro, o que pode acontecer nas próximas semanas. Mas hoje simplesmente não é possível antecipar como se dará o processo nem o nível máximo de stress que será atingido e a partir do qual se dará a (provavelmente lenta) reversão. Isto implica que preservação do capital é a única estratégia responsável neste momento (e certamente nos últimos 3 meses). Oportunidades estão sendo abertas e certamente poderão ser exploradas no devido tempo, mas não antes de primeiro haver um mapa minimamente confiável do caminho a ser trilhado.+

O balanço de riscos ao redor deste cenário base de recessão global moderada também se modificou: trabalhamos com um cenário alternativo otimista de crescimento mundial surpreendendo para melhor, ligeiramente acima do limiar da recessão, em algum momento nos próximos 6 meses (com 15% de probabilidade) e um cenário pessimista de aprofundamento da recessão global além da já considerada no cenário base (com 35% de probabilidade).

Em todos os três a desaceleração da atividade já contratada reduz as pressões inflacionárias e o dilema dos bancos centrais, dando margem de manobra para afrouxamento monetário na maioria dos países, com já tem ocorrido. Além disso, em todos os cenários, o dólar tende a se fortalecer. Dependendo do ambiente de aversão ao risco, e, portanto, da magnitude da desvalorização das moedas em relação ao dólar, pressão inflacionária pode surgir em vários países. Porém, é importante ter em mente que o dólar ainda é a moeda reserva, com funções de unidade de conta, reserva de valor e meio de transação. Em um ambiente em que o dólar se fortalece e tendo em conta a desaceleração mundial já contratada e a queda dos preços das commodities, estão dadas as condições para um cenário deflacionista do ponto de vista global. Ainda que o ajuste cambial possa pressionar a inflação em alguns emergentes no curto prazo (no Brasil inclusive), demandando respostas individuais variadas, no cenário atual não vemos a inflação mundial como ameaça nos próximos meses.

A magnitude da crise financeira e seus impactos sobre a economia mundial são determinantes para o comportamento dos ativos brasileiros. No cenário base descrito acima prevemos desaceleração do crescimento econômico brasileiro para 3% em 2009, com viés de baixa. Também revimos nossa expectativa de taxa de câmbio neste cenário, adotando R\$2/USD como nível de referência para 2009, o que trará alguma consequência para a inflação (nossa projeção de IPCA neste caso é 5,5%, contra 5,2% anteriormente). Neste cenário de câmbio próximo a R\$2/USD é plausível que as consequências para a inflação sejam benignas em relação ao que seria indicado pela referência histórica, considerando a queda dos preços de commodities, a desvalorização mais branda do real em relação à cesta de moedas (já que o dólar está se valorizando contra todas as moedas), e a desaceleração global. Neste caso, o risco

de um ciclo longo de aperto monetário no Brasil é reduzido e o BC pode optar por interromper o ciclo de alta de juros com mais um aumento de 0,50% ou 0,25% na próxima reunião do COPOM.

Porém, no cenário mais adverso, de recessão global mais aprofundada, teríamos uma queda maior em commodities e uma saída maior de ativos brasileiros, sendo concebível que o real se deprecie mais, atingindo até 2,5/USD como nível de referência médio. Neste caso, o dilema do Banco Central se tornaria mais complexo. De um lado ele poderia optar por não subir os juros, acomodar a desvalorização e tolerar mais inflação (no intervalo máximo da banda) e neste caso não é implausível que a inflação fique novamente entre 6% e 6,5% em 2009. Por outro lado, ele poderia optar por alongar o ciclo de juros para ancorar a inflação, mas neste caso teria que tolerar uma desaceleração maior da economia, que poderia crescer apenas entre 2% e 2,5% em 2009. Certamente não é uma escolha que seria feita sem forte oposição no governo.

As considerações acima implicam que novamente temos no balanço de pagamentos a chave para o cenário da economia brasileira. Certamente o Brasil está muito melhor preparado de que em crises anteriores, em especial no posicionamento do setor público em termos de exposição cambial, mas a profundidade da crise implica que escolhas difíceis confrontam os responsáveis pela política econômica nas próximas semanas e meses.

## 2. Estratégia Macro

No mês de Setembro mantivemos uma política de investimento mais cautelosa devido à elevada volatilidade do momento apresentado. Esta se mostrou ser a melhor estratégia uma vez que os mercados continuaram a operar com um componente elevado de aversão risco caracterizado pela redução de risco nos portfólios e diminuição de balanço dos bancos. Em virtude deste ambiente, optamos por minimizar o risco das carteiras e aumentar a utilização de opções nos fundos.

A performance do mês foi derivada da posição comprada em dólar contra o real e da posição vendida em bolsa. O mercado interbancário global vem sofrendo um problema de liquidez no qual acreditamos que este irá impactar negativamente as moedas dos países emergentes devido à repatriação de investimentos. Neste contexto, montamos uma posição vendida em real através de opção. Esta estratégia foi responsável por 30% do resultado do mês.

A bolsa brasileira teve uma perda expressiva no mês passado de -11,03%. O componente de commodities e também de aversão a risco prejudicou o desempenho dos ativos de bolsa. Iniciamos uma posição vendida em bolsa através de opções. Apesar de acreditarmos na estabilidade dos preços de commodities, o fluxo negativo na bolsa e por sua vez, um patamar elevado de volatilidade, ainda prejudica uma alocação de risco mais segura. No mês passado esta posição foi responsável por 28% do resultado.

Olhando para frente continuamos bastante cautelosos uma vez que a restauração de confiança no sistema irá demandar um tempo indeterminado. Enquanto o risco de contraparte permanecer elevado e as taxas interbancárias não retornarem a patamares mais baixos, iremos manter uma postura defensiva nas estratégias dos fundos.

## 3. Estratégia Trade

O mês de setembro foi marcado por estratégias de recuperação. Logo nos primeiros dias fomos para o stop de uma posição de juros 50% oye no DI jan/10 dada. Algumas figuras em opção consumiram parte importante dos prêmios, decorrente de explosões/distorções das volatilidades e das quedas não imagináveis de alguns ativos.

Em renda fixa o fundo obteve ganhos com figuras de opções com delta comprado e trades curtos no dólar. As perdas foram registradas na posição aplicada de DI jan/10.

Em renda variável o fundo obteve resultado positivo numa posição de curto prazo vendida em bolsa no começo do mês. Quanto as posições long and short, os ganhos se deram em mineração, petróleo e, principalmente, siderurgia. As perdas ocorreram em posições no setor de construção civil.

O fundo permanece atento as questões de liquidez, ao numero reduzido de estratégias e a política de asset management. O caixa está aplicado em títulos públicos federais.

## 4. Estratégia Long Only

Em setembro o índice Bovespa apresentou queda de 11,0%. No mês, três temas preponderaram: a deterioração das condições de crédito internacional, a forte desvalorização do real e o temor em relação a uma crise de liquidez nas empresas brasileiras.

A crise financeira continuou se agravando, com mais bancos apresentando dificuldades e com a crise transbordando dos EUA para a Europa. Neste sentido observamos a ajuda financeira recebida pelo Fortis e a nacionalização do Bradford & Bingley. Com a crise de confiança cruzando o atlântico e a continuidade da deterioração do mercado de commodities, o real teve forte desvalorização de 17,1%. Logo, alguns nomes vieram à tona apresentando perdas com operações cambiais, sendo as perdas mais expressivas anunciadas as de Aracruz (R\$1,95 bilhão) e as de Sadia (R\$760 milhões). O resultado foi o aumento da percepção de risco com as empresas exportadoras e aquelas com tesouraria agressiva.

Com o agravamento da crise financeira e desvalorização do real, a crise internacional entrou no mercado brasileiro pelo canal do crédito, que se tornou mais caro e escasso. E este processo atingiu tanto a captação realizada diretamente pelas empresas (via ACC, ACE e linhas internacionais) como a captação intermediada pelas instituições financeiras, que tiveram seus custos elevados e suas fontes escasseadas. Apesar dos bancos não terem reduzido significativamente seus *guidances* de crescimento da concessão de crédito, a percepção do mercado é que estes se tornarão cada vez mais seletivos, com o encurtamento dos prazos, rolagens menores e maior demanda por garantias. Esta percepção desencadeou uma nova preocupação com a liquidez das empresas brasileiras. Apesar da alavancagem do mercado brasileiro ser baixa na média, parte das empresas depende do crédito para financiar o crescimento e administrar seu capital de giro. Outra fonte de preocupação é o possível descasamento financeiro nas empresas exportadoras que pode ser gerado pela diferença do câmbio contratado (nos ACCs e pré-pagamentos de exportação) e aquele que será considerado no pagamento dos vencimentos.

O resultado do FIA no mês foi negativo em 11,0%, em linha com o Ibovespa do período. Nossa estratégia foi alocar os recursos em empresas detentoras de caixa em detrimento daquelas tomadoras de caixa, visando antecipar o agravamento das condições acima mencionadas. Desta forma adotamos tanto uma estratégia bottom-up (procurando nos diversos setores empresas com baixa alavancagem, endividamento em moeda estrangeira equalizado, poucos vencimentos de curto prazo e plano de investimento compatível com o atual cenário) como uma análise top-down, focando no setor de utilities. De uma forma geral, priorizamos empresas com fluxo de caixa robusto e situação financeira adequada.

Acreditamos que a questão dos investimentos se tornará cada vez mais relevante. Com o aumento das incertezas relativas ao crescimento mundial, se tornará cada vez mais importante a capacidade de adequar a maturação dos investimentos ao patamar de demanda vigente. Empresas com planos de investimento modulares deverão ser beneficiadas em relação àquelas com projetos de elevada alavancagem operacional. Outra questão relevante será a garantia e o custo do funding dos investimentos. Embora o mercado já tenha penalizado empresas com elevado crescimento projetado e incertezas em relação ao funding, acreditamos que o processo ainda deva continuar, com a divulgação de postergação de alguns investimentos.

Desta forma, mais uma vez mantemos nossa visão cautelosa em relação a bolsa de valores. Com o congresso norte-americano aprovando o pacote de ajuda de \$700 bilhões, diminuíram os riscos de uma crise sistêmica. Entretanto, o cenário ainda está longe de ser positivo. É possível que perdas adicionais das instituições financeiras internacionais venham a tona, colocando em dúvida a eficácia do pacote aprovado. Além disso, os resultados das empresas (tanto locais como internacionais) deverão ser revisados para baixo. Finalmente, os dados relativos a economia chinesa apenas serão conclusivos no final do ano. Até lá, o mercado continuará operando com elevada incerteza e volatilidade.

## 5. Estratégia Long & Short

Os Fundos Quest Long Short (LS) e Quest Equity Hedge (EH) tiveram desempenho no mês de 1,70% e 2,75%, respectivamente. Os principais destaques positivos foram os setores de utilities, instituições financeiras e petróleo. A principal contribuição negativa para o desempenho do fundo veio do setor telecomunicações.

Como comentado ao longo da carta FIA, a exposição cambial e a capacidade de financiamento das operações foram as principais questões no mês. Nossa estratégia nos fundos LS e EH também foi a de priorizar as empresas e setores com situação de caixa favorável em detrimento dos tomadores de caixa. Assim, montamos pares intra-setoriais baseados em nossa análise bottom-up, e também procuramos alocar recursos em setores com boa situação financeira. Este foi o caso da nossa exposição em utilities, que foi uma das principais apostas ganhadoras. As instituições financeiras também contribuíram favoravelmente no mês, em razão da maior visibilidade de resultados e do *valuation* atrativo.

Finalmente, o setor de petróleo também contribuiu positivamente, apesar do mau humor com commodities. Mais uma vez, o anúncio de novas descobertas contribuiu para que o desempenho da Petrobras fosse positivo. Além disso, o preço do petróleo se manteve ao redor dos US\$100/barril, em função dos efeitos do furacão Ike, continuidade do atraso na entrada da oferta relativa aos países não participantes da OPEP e outros problemas na oferta. No curto prazo, acreditamos que o setor de petróleo terá melhor desempenho que os demais entre as commodities.

Do lado negativo, o principal destaque foi o setor de telecomunicações, especialmente em função de nossa reduzida posição em BRTP3, que teve desempenho ruim por receio de que a operação de venda para Oi não se materialize pela falta de condições financeiras para financiá-la. Porém, uma análise cuidadosa do balanço de ambas empresas mostra que não há necessidade de caixa para a conclusão da operação, restando apenas a questão regulatória, mudança do PGO, como risco para que a operação não aconteça, risco que entendemos como bastante reduzido.

## 6. Atribuição de Performance – Setembro de 2008

Quest 1 FIM	
Bolsa	0,29%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	0,22%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,12%
Inflação Brasil	-0,08%
Juros Brasil	-0,21%
Caixa	1,13%
Despesas	-0,08%
Custos	-0,13%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,25%</b>

Quest 30 FIM	
Bolsa	0,37%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	0,39%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,26%
Inflação Brasil	-0,10%
Juros Brasil	-0,41%
Caixa	1,03%
Despesas	-0,04%
Custos	-0,18%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,31%</b>

Quest Macro 30 FIM	
Bolsa	0,41%
Bolsa ex-Brasil	0,00%
Dólar	0,29%
Outras moedas	0,00%
Outros ativos ex-Brasil	0,16%
Inflação Brasil	-0,11%
Juros Brasil	0,15%
Caixa	0,65%
Despesas	-0,03%
Custos	-0,18%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,34%</b>

Quest Ações FIA	
Agronegócio	-0,25%
Bens de Capital	-0,65%
Construção Civil	-0,90%
Consumo	-3,62%
Elétricas e Saneamento	0,34%
Inst. Financeiras e Seguros	-0,66%
Logística e Transportes	-1,69%
Mineração e Siderurgia	-2,64%
Papel e Celulose	0,01%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,67%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-1,78%
Caixa	0,26%
Despesas / Custos / Juros	-0,18%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>-11,08%</b>

Quest Long Short 30 FIM	
Agronegócio	0,02%
Bens de Capital	-0,06%
Construção Civil	0,02%
Consumo	0,09%
Elétricas e Saneamento	0,35%
Inst., Financeiras e Seguros	0,39%
Logística e Transportes	-0,05%
Mineração e Siderurgia	0,18%
Papel e Celulose	0,06%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,49%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-0,47%
Caixa	0,84%
Despesas / Custos / Juros	-0,15%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,70%</b>

Quest Equity Hedge 60 FIM	
Agronegócio	0,03%
Bens de Capital	-0,07%
Construção Civil	0,04%
Consumo	0,14%
Elétricas e Saneamento	0,50%
Inst., Financeiras e Seguros	0,53%
Logística e Transportes	-0,03%
Mineração e Siderurgia	0,41%
Papel e Celulose	0,11%
Petróleo, Gás e Petroquímica	0,86%
Telefonia, Mídia e Tecnologia	-0,45%
Caixa	0,84%
Despesas / Custos / Juros	-0,15%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>2,75%</b>

Quest Iporanga 15 FIM	
Bolsa	0,29%
Dólar	0,27%
Outras Moedas	0,00%
Inflação Brasil	0,00%
Juros Brasil	-0,06%
Caixa	0,87%
Despesas	-0,14%
Custos	-0,14%
<b>Rentabilidade Líquida</b>	<b>1,08%</b>

Itens que compõem Despesas: corretagem, taxas (exceto taxas referidas em custo), cartório, impressos e demais despesas; e Custos: taxas administração, performance e custódia.

## 7. Histórico de Performance:

QUEST 1 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004	1,79%	2,13%	1,15%	1,23%	1,77%	0,86%	1,06%	1,38%	1,45%	0,96%	1,53%	1,75%	18,45%	114,05%
2005	1,34%	1,82%	1,01%	1,18%	1,76%	1,15%	1,23%	1,35%	1,69%	1,14%	1,78%	1,88%	18,78%	98,87%
2006	3,55%	3,06%	0,50%	2,54%	-1,09%	1,75%	1,53%	2,10%	1,00%	1,76%	1,55%	1,97%	22,11%	146,97%
2007	0,98%	0,88%	1,37%	2,76%	2,54%	0,43%	1,01%	-0,50%	1,41%	2,15%	-0,06%	-0,15%	13,54%	114,48%
2008	-0,25%	0,35%	-2,52%	1,56%	1,26%	-0,73%	-0,19%	0,52%	1,25%				1,19%	13,62%

Início do fundo: 02/07/2001

QUEST 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2004										0,71%	2,90%	2,50%	6,22%	191,44%
2005	1,34%	2,83%	0,62%	0,87%	2,19%	0,48%	0,88%	1,08%	2,14%	0,84%	2,83%	2,55%	20,27%	106,71%
2006	5,78%	4,49%	-0,27%	3,94%	-3,04%	2,37%	2,01%	3,01%	1,09%	2,47%	2,05%	2,89%	29,97%	199,22%
2007	1,06%	1,02%	1,76%	4,53%	4,09%	-0,10%	1,20%	-2,14%	2,23%	3,57%	-0,80%	-0,69%	16,65%	140,85%
2008	-1,27%	0,20%	-5,32%	1,61%	1,57%	-2,18%	-0,48%	0,48%	1,31%				-4,22%	n.a.

Início do fundo: 19/10/2004

QUEST MACRO 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007										2,35%	-0,46%	-0,78%	1,10%	41,78%
2008	-0,35%	-0,58%	-3,33%	1,43%	1,46%	-1,38%	0,25%	0,65%	1,34%				-0,60%	n.a.

Início do fundo: 16/10/2007

QUEST AÇÕES FIA														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	Ibov.*
2005						0,98%	1,32%	7,34%	9,82%	-1,19%	10,15%	6,85%	40,25%	28,99%
2006	9,34%	7,80%	-1,17%	19,53%	-6,44%	-1,43%	1,58%	2,44%	1,89%	8,25%	6,41%	9,84%	72,26%	33,73%
2007	2,22%	3,53%	4,45%	8,09%	7,92%	3,62%	4,80%	0,21%	9,20%	9,80%	-1,84%	3,10%	70,25%	43,68%
2008	-9,75%	8,24%	-8,97%	8,64%	10,37%	-4,70%	-6,73%	-7,22%	-11,08%				-21,83%	-22,45%

Início do fundo: 01/06/2005 \* Ibovespa Médio até 2007 / Ibovespa Fechamento em 2008

QUEST LONG SHORT 30 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007	2,08%	4,86%	1,24%	2,19%	2,65%	1,63%	3,73%	1,00%	0,72%	2,75%	0,58%	2,18%	28,74%	243,08%
2008	-0,70%	1,09%	-1,93%	1,16%	1,66%	1,11%	-0,08%	-0,20%	1,70%				3,82%	43,59%

Início do fundo: 28/12/2006

QUEST EQUITY HEDGE 60 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007												2,87%	2,87%	342,31%
2008	0,77%	1,56%	-2,61%	1,44%	1,97%	1,36%	-0,36%	-0,52%	2,75%				6,45%	73,55%

Início do fundo: 30/11/2007

QUEST IPORANGA 15 FIM														
Ano	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Acum.	% CDI
2007											0,31%	0,99%	1,30%	114,61%
2008	0,35%	1,22%	1,19%	1,86%	1,14%	0,67%	1,95%	1,02%	1,08%				10,98%	125,38%

Início do fundo: 21/11/2007

Para mais informações entrar em contato com:

Fone: +55 11 3526-2250 email: [comercial@questinvest.com.br](mailto:comercial@questinvest.com.br)

As informações contidas neste material são de caráter meramente e exclusivamente informativo, não se tratando de qualquer recomendação de compra ou venda de qualquer ativo negociado nos mercados financeiro e de capitais. A QUEST não se responsabiliza pelas decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste material. A Quest Investimentos Ltda, não comercializa nem distribui quotas de fundos de investimentos ou qualquer outro ativo financeiro. As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo. É fundamental a leitura do regulamento dos fundos antes de qualquer decisão de investimento. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura. As rentabilidades divulgadas não são líquidas de impostos. Todos os fundos de investimento geridos pela Quest Investimentos Ltda, utilizam estratégias com derivativos como parte integrante de suas política de investimento. Tais estratégias, da forma como são adotadas, podem resultar em significativas perdas patrimoniais para seus cotistas. Nenhum fundo conta com garantia da instituição administradora, da gestora ou do Fundo Garantidor de Créditos - FGC. Para avaliação da performance do fundo de investimentos, é recomendável uma análise de período de, no mínimo, 12 (doze) meses. Riscos gerais: em função das aplicações do fundo, eventuais alterações nas taxas de juros, câmbio ou bolsa de valores podem ocasionar valorizações ou desvalorizações de suas cotas. Para obtenção do Regulamento, Histórico de Performance, Prospecto, além de eventuais informações adicionais, favor entrar em contato com a administradora dos fundos da Quest Investimentos Ltda.